

O Mapa de Cantino e o Descobrimento da América pelos chineses

Renato Pereira Brandão

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduado em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Atualmente é professor titular da UNESA.

RESUMO

O propósito deste artigo é discutir a versão interpretativa sustentada pelo oficial da Marinha britânica Gavin Menzies sobre a “descoberta” da América por navegadores chineses, apresentada no livro *1421: The year China discovered the world*. Centrando a discussão sobre o *Mapa de Cantino*, feito por um cartógrafo português anônimo em 1502, onde está expresso o domínio do cálculo de longitude, e na constatação de que, no século XVI, navegadores portugueses teriam somente o domínio da prática da determinação de latitude, mas não de longitude, neste trabalho se questiona a interpretação de Menzies de que as longitudes expressas neste mapa teriam sido calculadas por astrônomos chineses que estariam presentes na Esquadra sob o comando do Almirante Zheng He, que teria estendido sua viagem da África à América.

PALAVRAS-CHAVES: DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA, NAVEGADORES CHINESES, MAPA DE CANTINO.

ABSTRACT

The objective of this article is to contest the interpretative version on the “discovery” of the Americas by the Chinese purported in the book *1421: The year China discovered the world*, written by Gavin Menzies an officer of the British Navy. The focus of contention will be on the interpretation of Cantino’s Map, made by an anonymous Portuguese cartographer in 1502. In which it is clearly demonstrated the command over the use of longitude even though the Portuguese in that century were only capable of calculating latitude. Moreover the article challenges the notion put forward by Menzies that the Longitudes found in that said map were calculated by the Chinese astronomers that would have been preset in the fleet led by the admiral Zheng He. In the voyage that extended from Africa to the Americas.

KEY WORDS: DISCOVERY OF AMERICA, CHINESE’S NAVIGATORS, CANTINO’S MAP.

A mais antiga fonte cartográfica, até o presente, conhecida por trazer a representação da costa brasileira e da linha divisória de Tordesilhas, é um planisfério denominado *Mapa de Cantino*. Medindo 1,05m x 2,20m, o original encontra-se na Biblioteca Estesense em Modena, na Itália, havendo uma reprodução em fac-símile na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores no Rio de Janeiro.

Encontrado no início do século XVIII na Biblioteca dos Estes em Modena na Itália, sua origem era desconhecida, já que não traz nenhuma indicação do cartógrafo que o elaborou e do ano de sua execução. Em 1859, esta Biblioteca foi saqueada, por conta de um levante popular, desaparecendo então o mapa. Posteriormente, o diretor desta Biblioteca, Sr. Giuseppe Boni, foi reencontrá-lo decorando a parede de uma salsicharia, recuperando-o e levando-o de volta. Pouco depois, o historiador americano H. HARRISSE, pelo estudo das cartas de Hércules d’Este, Duque de Ferrara no início do século XVI, descobriu a história do mapa. Foi feito em princípio de 1502, secretamente, por um cartógrafo português que se



manteve no anonimato, por encomenda do representante comercial do duque em Lisboa, provavelmente seu espião, Alberto Cantino. Segundo as cartas, o duque solicitava que lhe fosse enviado o mais completo mapa que fosse possível obter das recentes descobertas dos portugueses e espanhóis, tanto no Novo como no Velho Mundo. Em 19 de novembro do mesmo ano, o mapa chegou às mãos do Duque de Ferrara, que pagou por ele a soma de 12 ducados de ouro¹.

Nele o continente africano encontra-se representado com grande precisão. A Índia, apesar de estreitada na ponta, já apresenta sua verdadeira forma de península, e a configuração da costa da Índia à China é bastante aproximada da verdadeira. Quanto ao continente americano, mostra um perfil das ilhas das Índias Ocidentais, a costa das Guianas, da Venezuela e do Brasil e ainda parte da costa oriental da América do Norte, inclusive a Flórida, 11 anos antes de Ponce de León anunciar a sua descoberta.

¹ DERBY, A. Orville. Estudos cartográficos da primeira fase dos descobrimentos. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.2, p.325-344, 1915. Tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional.

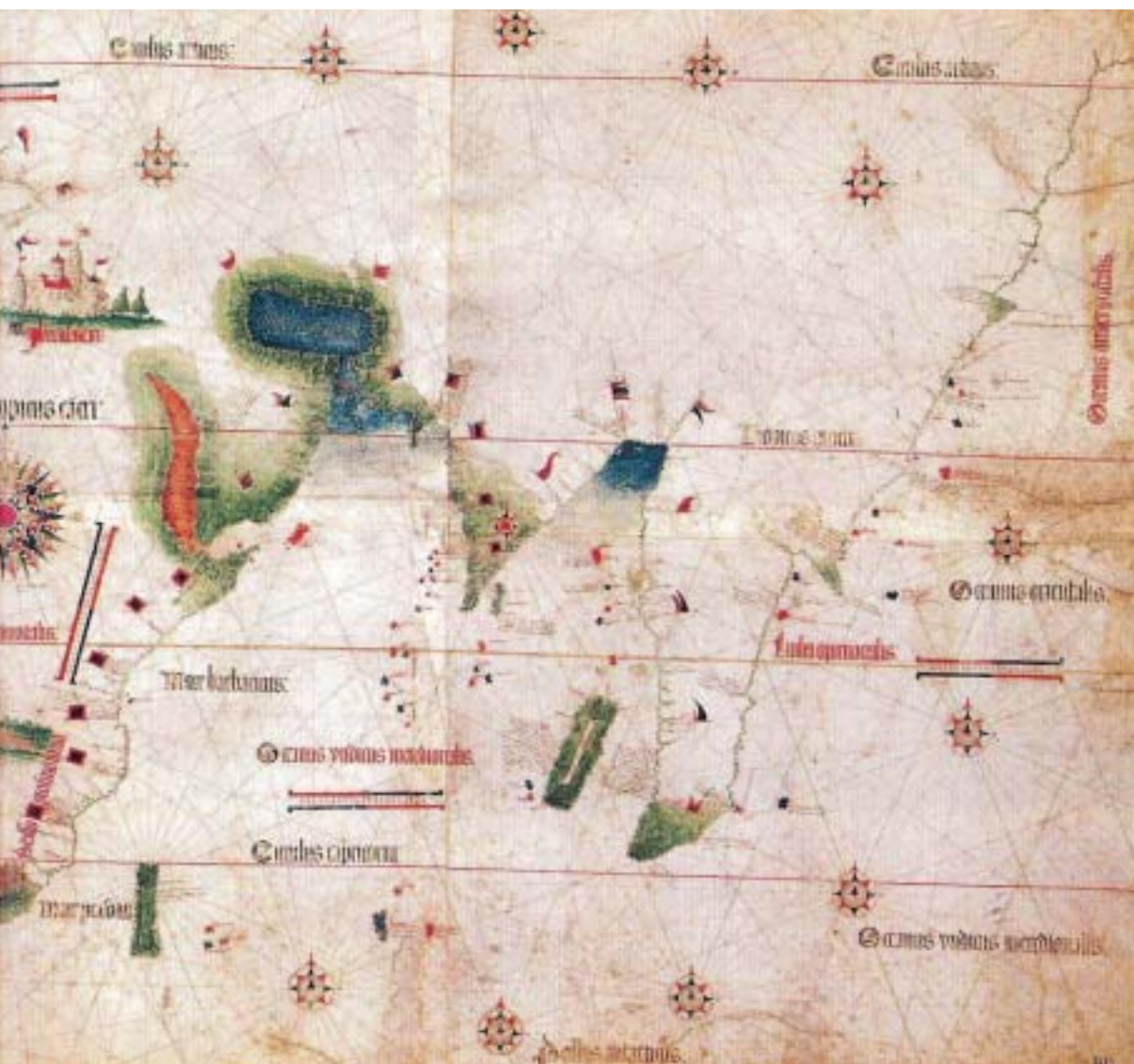


FIGURA – MAPA DE CANTINO
FONTE: Fernandes, 2003, p. F4

Em trabalho publicado em 1995, discuto a impossibilidade do levantamento cartográfico da costa brasileira, utilizado na feitura do mapa, ter sido realizado após a “descoberta” do Brasil, destacando a precisão da relação de longitude entre o meridiano do Tratado de Tordesilhas e o ponto ocidental extremo do litoral brasileiro, o Cabo de São Roque, e deste em relação à costa ocidental da África². Devido à impossibilidade de, na época, navegadores calcularem as longitudes, concluo que astrônomos desconhecidos estiveram presentes em solo brasileiro, em tempos ainda medievais. Passados dez anos da publicação deste trabalho, foi lançada na Inglaterra a obra *1421: The year China discovered the world*, de autoria do oficial da Marinha britânica Gavin Menzies. Analisando também o *Mapa de Cantino*, o autor destaca igualmente a forma precisa em que está representada a costa ocidental da África, inclusive em termos de longitude. Em relação à América, observa que aí está representada a Flórida,

² BRANDÃO, Renato Pereira. A Representação do Meridiano do Tratado de Tordesilhas no Mapa de Cantino. In: TORDESILHAS e o novo mundo: além do mar tenebroso. Org. de Maria Teresa T. B. Lemos. Rio de Janeiro: UERJ/PROEALC, 1995. p.85-100.

quando ainda não tinha sido “descoberta”. Da mesma maneira, considera ele que os portugueses não teriam na época da feitura do mapa, 1502, domínio do cálculo da longitude, necessário para sua feitura³.

Partindo de fatos historicamente comprovados – a constatação de que os chineses realmente atingiram, no século XV, um estágio altamente desenvolvido na navegação e construção náutica, que perdurou até o falecimento do Imperador Yong-le, em 1424⁴ –; e da existência de uma expedição chinesa que, sob o comando do Almirante chinês Zhou Man, teria chegado à costa oriental da África, Menzies considera que este almirante chinês, acompanhado da Esquadra do Almirante Hong Bao, teria estendido suas explorações à América em 1421. Assim considerando, remete à origem das representações cartográficas presentes no *Mapa de Cantino*, inclusive da América, e aos levantamentos, incluindo cálculos de longitude, feitos por cartógrafos chineses presentes nesta expedição.

Menzies acredita que os portugueses tomaram conhecimento destas informações cartográficas através do planisfério feito pelo

veneziano Fra Mauro (c.1385-1459), que teria sido levado para Portugal pelo Infante D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique. Segundo ainda Menzies, Fra Mauro teria feito este planisfério a partir das informações fornecidas por seu Niccolò da Conti (c.1385-1469), veneziano que teria vivido em Calcutá quando da passagem pela Índia da Esquadra chinesa. Embarcando na Esquadra, Da Conti teria obtido uma cópia dos mapas chineses feitos durante suas viagens exploradoras. Para Menzies, não só a feitura do Mapa de Cantino como a própria expansão ultramarina portuguesa só teria sido possível graças às informações cartográficas fornecidas pelos chineses ao veneziano da Conti⁵.

Apesar de considerar que temos em comum um forte argumento, embasado em informações técnicas dificilmente refutáveis, que certamente exige uma revisão das interpretações históricas referentes ao processo de expansão ultramarina européia, é importante ressaltar que esta questão não pode ser reduzida a uma disputa na aclamação dos “verdadeiros descobridores” da América. Inicialmente, devemos considerar

³ MENZIES, Gavin. 1421: the year China discovered the world. London: Bantam Books, 2005. p.299-300. "A world map popularly know as he Cantino came to my rescue. I had unearthed this extraordinary chart in the Biblioteca Estense in Modena, Italy, during my investigation into Zhou Man's visit to Americas. Was there even the remotest possibility that it could have been an earlier, unknown Portuguese voyage. The Portuguese had no accurate method of calculating longitude; in 1541, thirty-nine years after the Cantino was drawn, a Portuguese attempt to determine the longitude of Mexico City by measurement os a solar eclipse put it nearly 1,500 miles too far to the west. (...) When I adjusted the modern chart to show everything to a depth of one fathom, many of the shallow lagoons between the Caribbean islands became dry lan, and when I superimposed these adjustments onto the Cantino it was clear."

⁴ CHEONG, W. E. O império terrestre. *Correio da Unesco*: diálogos com o mar, Rio de Janeiro, v.19, n.10/11, p.14-17, 1991. "Sob a primeira dinastia Ming (1368-1644), o Estado chinês organizou grandiosas expedições marítimas, com centenas de navios e dezenas de milhares de homens, atingindo regiões e países tão remotos como os da África oriental (...) Esses grandes empreendimentos, devido em grande parte ao patrocínio do Estado, perderam seu principal apoio com a morte do Imperador Yong-le em 1424, embora as viagens continuassem a ser realizadas durante o reinado de Hsüan-te. Daí em diante, não surgiu mais ninguém imperador, dignitário imperial ou aventureiro - decidido a empreender ou, simplesmente, financiar expedições semelhantes."

⁵ MENZIES, op. cit., p.113, 115, 123, 124, 299, 377, 378, 398, 414: "After parting company with Zheng He, the three Chinese fleets sailed for Calicut, the capital of Keral in southern India and by far the most important port in the Indian Ocean. (...) By an extraordinary coincidence, at the very time the treasure fleets were in the city in 1421, a yong Venetian, Niccolò da Conti (c. 1395-1469), also arrived. A well-connected trader, da Conti had left Venice in 1414 for Alexandria. (...) Fra Mauros' planisphere of 1459 showed the Cape of Good Hope correctly drawn, had an accurate depiction of Zheng He's junks and described birds unques to shouthern Africa several decades before the first Europeans, Dias and da Gama, got to the Cape. (...) This was the crucial link in the chain connecting the maps drawn by the Chinese cartographers during the great voyage of explorations by the treasure fleets to the later Portuguese discoveries based on the mysterious maps they were soon obtain. Chinese knowledge and Chinese maps passed from da Conti to Fra Mauro, and from him to Dom Pedro of Portugal and Prince Henry the Navigator. (...) Though the Western world is largely silent on the origin of these extraordinary world maps, now correct both

que o termo “descobrimento” possui uma conotação essencialmente cronológica e etnocêntrica, pois, se a chegada de juncos chineses na América realmente antecederam as naus ibéricas, este continente teria sido então “descoberto”, única e exclusivamente, pelos chineses, e não também pelos europeus. Devemos ainda considerar que a inexistência de fontes primárias nos coloca em um delicado e espinhoso espaço histórico. Mesmo não estando mais amordaçadas pelos parâmetros positivistas, estas correlações exigem prudência no trato das fontes interdisciplinares, primárias indiretas e secundárias.

Assim, tendo como referência o regime de correntes marinhas que favorece a navegação pelo Pacífico entre o Extremo Oriente e a América, a exemplo da *Rota do Pacífico*, estabelecida e explorada pelos espanhóis até o século XIX⁶, é pertinente considerar como válida a hipótese de Menzies de que viagens de nautas chineses para a América

antecederam a de Colombo. Identifica ele 21 pontos costeiros no Oceano Pacífico como bases utilizadas pelos nautas chineses. Destes, nove estariam situados no litoral pacífico americano, de Sacramento, no atual Estados Unidos, ao sul do Peru. Apresenta alguns indícios que, mesmo considerando a fragilidade de alguns destes, como galinhas asiáticas na Guatemala, sustenta de forma coerente a hipótese da presença chinesa na costa do Pacífico⁷.

Contudo, ao procurar estender a presença chinesa também à costa do Atlântico Sul, assim como a responsabilidade pela representação do Brasil no *Mapa de Cantino*, Menzies se revela de todo inconsistente. Considera que, antecedendo Cabral, o litoral brasileiro teria sido percorrido inteiramente pelas esquadras chinesas comandadas por Zhou Man e Hong Bao, após ter atingido o litoral sul-americano do Atlântico na altura da Foz do Orinoco⁸. Contudo, o regime de correntes marinhas impede que a costa brasileira seja navegada desta

for latitude and longitude, the inscription on the stone erected by Zheng He in commemoration of his voyage shows where the credit is due: 'And now as a result of the voyage the distances and courses between the distant lands may be calculated.' It was another towering achievement by the Chinese fleets, one that should have burned like a beacon in the annals of global history. Instead, it was to be snuffed out and forgotten, along with the discovery of the America, Australia, Antarctica and the Arctic; Europeans would claim the glory that should belonged to the great Chinese admirals and their fleets. The Portuguese were to lead this European wave of exploration and colonization. They more than any other nation benefited from the hard-won Chinese knowledge of the oceans and new lands that lay beyond them (...) Having learned of the existence of new lands beyond the seas from da Conti in 1424, Dom Pedro carried back to Portugal in 1428 a map of the world showing 'all the parts of the world and earth Africa, the Caribbean (Antilia), North and South America, the Arctic and Antarctic, India, Australia and China (...) The Portuguese had taken their first steps into the New World that the Chinese had discovered, but despite the evidence offered by copies of the charts drawn by the Chinese, one obstacle as much psychological as physical remained to be overcome before the Portuguese empire could spread across the globe. The fear of the unknown still dominated the minds of ordinary Portuguese seamen, and a lifetime of myth, legend and superstition could not be erased overnight.'

⁶ SERNA, Alfonso de La. A rota do Pacífico. *Correio da Unesco*: redescobrir 1492. Rio de Janeiro, v.20, n.7, p.19-21, 1992. "Além disso, as Filipinas foram o principal ponto de referência da grande operação transoceânica cumprida pela "nau de Acapulco" assim chamada porque unia, através do Pacífico, os portos espanhóis de Manila, nas Filipinas, e Acapulco, no México. A primeira nau chegou ao México em 1573. A última viagem ocorreu em 1811, exatamente 238 anos depois. (...) A viagem de Acapulco a Manila, com os barcos impelidos pelos ventos alísios, durava cerca de 60 dias, mas o percurso inverso era bem mais longo e arriscado. Tinha-se de desviar a rota para o norte, até quase a latitude do Japão, para encontrar os ventos do oeste, atravessar zonas de frequentes tempestades e chegar à costa americana. Nessa ida e volta, percorriam-se cerca de 18 mil milhas náuticas. E assim se passaram cerca de dois séculos e meio, nesse vaivém de regularidade quase perfeita e ritmo isócrono como de um relógio."

⁷ MENZIES, op. cit., p.274, 451.

⁸ Ibid., p.145-6. "The fleets of Hong Bao and Zhou Man would have sighted the cost of what is now Brazil approximately three weeks after leaving the Cape Verde Islands. What a moment that must have been, a sprawling, unknown land filling the horizon before them, the air full of unfamiliar scents and the calls of strange birds. They may well have wondered if this was the land of Fusang, described by their forebears almost a thousand years earlier. (...) After making landfall near the Orinoco, where they would have replenished their water and taken on fresh food, they would then have set sail once more for the south. The wind would have carried them past the Amazon delta down the east coast of Brazil to Cabo Branco in southern Argentina."

maneira. Não há como se alcançar a corrente do Brasil, que percorre o litoral brasileiro na direção sul a partir do Cabo de São Roque, vindo da costa norte, percorrida pela Corrente das Guianas na direção inversa da Corrente do Brasil. O célebre navegador português Gago Coutinho observou o mesmo equívoco em Vespúcio, que teria afirmado ter atingido o litoral do Brasil acima do Cabo de São Roque, para então tomar a direção sul. Devido a este gritante erro náutico, Coutinho acabou por considerar como fraudulentas as informações da presença de Vespúcio no Brasil⁹.

Por outro lado, Menzies aponta as dificuldades que envolviam o cálculo da longitude. Impossível de ser realizado, então, por nautas, exigia a presença de astrônomos capazes do registro de conjunções planetárias ou lunares. Como estes fenômenos ocorrem em tempos esparsos, estes astrônomos teriam que permanecer estacionados por um determinado tempo no local de observação. Como no *Mapa de Cantino*, reivindicado por Menzies como comprovação da presença chinesa na América, o Cabo de São Roque, ponto oriental extremo da costa brasileira, encontra-se perfeitamente localizado, é impossível que as observações astronômicas necessárias tivessem sido feitas por expedições que percorreram de forma passageira o litoral brasileiro.

O fato de o posicionamento do Cabo de São Roque estar corretamente plotado em termo de longitude, não só em relação à costa da África como também ao meridiano divisório do Tratado de Tordesilhas, indica que o cartógrafo responsável trabalhou com dados impossíveis de estarem presentes no conjunto de informações chinesas, por mais

completa que elas estivessem chegadas a Portugal, pois, quando do estabelecimento do Tratado de Tordesilhas, as frotas chinesas já não mais existiam. Certamente, no *Mapa de Cantino* estão aglutinadas informações de origens diversas, reunidas e processadas em um único mapa, o que revela a apurada competência do cartógrafo português anônimo, responsável por sua feitura.

Nos estudos das cartas de doação de capitânicas, tive a oportunidade de observar a precisão da latitude estabelecida pela coroa de Portugal como o limite setentrional da América portuguesa, definido a partir da interseção do meridiano do Tratado de Tordesilhas com a linha litorânea do Brasil, e na distribuição das capitânicas no espaço delimitado entre este limite setentrional e o Rio São Francisco¹⁰. Esta conjuntura não deixa dúvidas quanto à origem analítica dos dados processados, demonstrando assim a profundidade do conhecimento cartográfico daqueles a serviço da coroa de Portugal.

Assim, Menzies parece desconhecer a complexidade que envolvia a navegação para o Índico, via Atlântico Sul, dependente de conhecimentos dos regimes de ventos e correntes dominantes, impossíveis de serem obtidos por uma única passagem ao longo do litoral brasileiro.

Ao que parece, Menzies persiste na teoria difusionista, muito em voga no início do século passado, em que, procurando estabelecer leis nas ciências humanas e sociais como as estabelecidas nas ciências naturais, sustentava que os inventos e inovações intelectuais teriam uma única origem, chegando a outros povos através da difusão de conhecimentos. Contudo, se veio a demonstrar

⁹ COUTINHO, Gago. Américo Vespúcio na história do Brasil: seria náutico, seria cosmógrafo, não foi descobridor. In: CANALI, João de. *Américo Vespúcio: espião ou navegador?* Rio de Janeiro: Liv. H. Antunes, 1941. p.60. "Se as naus de Vespúcio tivessem, como ele afirma, abordado costa para Oeste do Cabo São Roque, teriam, como disse, de voltar a centenas de léguas ao largo, a fim de o poderem balaventear e montar a costa do Natal. Assim impõe os ventos e correntes ali dominantes: tanto a navegação de Gama (1497) como a de Cabral (1500) provam que, em 1501, já os pilotos portugueses sabiam traçar as rotas de modo a evitarem o risco de se ensacarem na costa mais ocidental do Brasil."

¹⁰ BRANDÃO, Renato P. A Capitania Real do Rio de Janeiro: a Companhia de Jesus e os Correias de Sá na apropriação régia do espaço vicentino. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PORTUGAL-BRASIL: memórias e imaginários. *Actas*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000. v.1. P.118-132.

que, apesar da difusão ser realmente um processo atuante, determinadas inovações surgiram de forma totalmente independente em sociedades diversas, e, em alguns casos, ao mesmo tempo. Assim, os fatos apontam que a exploração marítima portuguesa se deu de forma independente dos avanços náuticos e cartográficos chineses. Deste modo, o fato de nautas chineses terem atingido a América pré-colombiana não implica que este processo esteja, necessariamente, relacionado com a expansão ultramarina ibérica.

Por outro lado, ao procurar estabelecer, sem nenhuma consistência, uma relação de dependência entre a expansão ultramarina portuguesa com a chinesa, Menzies parece desconhecer que a construção do império ultramarino português dependeu da elaboração de conjunções de conhecimentos que não se

pode reduzir a mera transmissão de informações cartográficas. Desconhece, ainda, que a mais importante conseqüência histórica da expansão ultramarina portuguesa para o Ocidente não se encerra na “descoberta” de novas terras, mas sim por se desdobrar numa sofisticada estratégia de conquista, que alterou profundamente a conjuntura geopolítica ocidental, ao relegar o eixo mercantil marítimo mediterrâneo, até então o “coração” da civilização ocidental, a um papel secundário frente ao emergente eixo atlântico.

Acredito, portanto, ser procedente e oportuna a discussão levantada por Menzies sobre a presença de chineses na América pré-colombiana, porém destituídas de quaisquer fundamentos as relações apresentadas entre a expansão náutica chinesa com o *Mapa de Cantino*.

FONTES

BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Renato P. A Capitania Real do Rio de Janeiro: a Companhia de Jesus e os Correias de Sá na apropriação Régia do espaço vicentino. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PORTUGAL-BRASIL: memórias e imaginários. *Actas*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. v.1. p.118-132.

_____. A Representação do Meridiano do Tratado de Tordesilhas no Mapa de Cantino. In: TORDESILHAS e o novo mundo: além do mar tenebroso. Org. de Maria Teresa T. B. Lemos. Rio de Janeiro: UERJ/PROEALC, 1995. p.85-100.

CHEONG, W. E. O império terrestre. *Correio da Unesco*: diálogos com o mar, Rio de Janeiro, v.19, n.10/11, p.14-17, 1991.

COUTINHO, Gago. Américo Vespuccio na história do Brasil: seria náutico, seria cosmógrafo, não foi descobridor. In: CANALI, João de. *Américo Vespuccio*: espião ou navegador? Rio de Janeiro: Liv. H. Antunes, 1941. p.60.

DERBY, A. Orville. Estudos cartographicos da primeira fase dos descobrimentos. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.2, p.325-344, 1915. Tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional.

FERNANDES, Fernando Lourenço. *O planisfério de Cantino e o Brasil*. Lisboa: Academia de Marinha, 2003. p.III

MENZIES, Gavin. *1421: the year China discovered the world*. London: Bantam Books, 2005.

REVISTA DO IHGB, Rio de Janeiro, v.2, p.325-344, 1915. Tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional.

SERNA, Alfonso de La. A rota do Pacífico. *Correio da Unesco*: redescobrir 1492, Rio de Janeiro, v.20, n.7, p.19-21, 1992.